

As fronteiras do fantástico em Murilo Rubião

Ana Luzia Santana Rangel¹

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar os contos “A fila” e “O lodo”, de Murilo Rubião (1916-1991), como objeto empírico na observação e identificação de semiosferas, fronteiras e tradução semiótica presentes na narrativa. Com base nos conceitos de Iúri Lotman sobre a semiótica da cultura, realizaremos uma leitura destes contos visando observar quais personagens se inserem em uma e noutra semiosfera, bem como quais conflitos emergem da fronteira entre elas. Para tanto, será apresentado ainda, o conceito de cronotopo, elaborado pelo filósofo Mikhail Bakhtin, que situará os contos temporal e cronologicamente, visando obter uma melhor visualização das semiosferas presentes.

O caminho a ser percorrido passa por 1) visita ao conceito de cronotopo literário, elaborado por Mikhail Bakhtin; 2) abordagem do conceito de semiosfera, fronteira e tradução, formulados por Iúri Lotman; 3) identificação de pistas da localização temporal e espacial nos contos, que constituem o cronotopo no qual a obra se insere, bem como informações extratextuais que orientem o aqui e agora da obra; 4) compreensão das semiosferas presentes nos contos e das fronteiras entre elas, bem como possíveis conflitos e traduções existentes; 5) considerações finais.

Nascido em Minas Gerais, Brasil, em 1916, Murilo Rubião é considerado precursor da literatura fantástica no Brasil, cuja obra é composta por trinta e três contos, publicados nas décadas entre 1940 e 1970. Na área da cultura, foi responsável pelo Suplemento Literário de Minas Gerais e atuou em jornais e emissoras de rádio. Dedicou-se exclusivamente à narrativa fantástica, lançando mão de personagens humanos e não humanos que se transformam, passam por situações de crescimento desordenado, vivenciam momentos de multiplicações inexplicáveis e repetições intermináveis.

O teórico Tzvetan Todorov, em sua obra *Introdução à literatura fantástica*, busca explicar a reação da personagem e do leitor face a acontecimentos absurdos. Torna-se marca característica de uma narrativa fantástica a hesitação do leitor ou da personagem, “O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 2017, p. 30).

Rubião surpreende o leitor, seja logo no início da narrativa, com o surgimento repentino do absurdo, seja com a construção progressiva de uma situação absurda. Assim, o realismo

¹ Mestranda em Literatura Brasileira e Teoria da Literatura, pela Universidade Federal Fluminense

fantástico toma como base a realidade e insere o irreal, muitas vezes, como forma de crítica, ou seja, é real e é fantástica ao mesmo tempo. Essa realidade retratada pelo fantástico tem muita proximidade com a vida contemporânea, pois a convivência com situações absurdas se torna cada vez mais frequente. O ser humano moderno nem sempre se dá conta dos absurdos que o circundam nem daqueles nos quais toma parte, como é observado na prosa de Murilo Rubião. Nela, o absurdo é tão recorrente que quase se torna normal, sendo este um dos principais destaques da obra.

O cronotopo literário de Mikhail Bakhtin em Murilo Rubião

Mikhail Bakhtin (1895-1975), filósofo russo, teórico da cultura e das artes, elaborou o conceito de ‘cronotopo’, com base em seus trabalhos sobre o gênero romanesco, que pode ser aplicado às obras que concedem ao leitor uma determinada localização espacial e temporal da narrativa, como explica o autor: “Chamaremos de cronotopo (que significa “tempo-espaço”) a interligação essencial das relações de espaço e tempo como foram artisticamente assimiladas na literatura.” (BAKHTIN, 2018, p. 11)

Considerando a formulação de Bakhtin, vejamos, a seguir, quais são os possíveis caminhos para a identificação do cronotopo no conto “A fila”, publicado em 1974, no livro *O convidado*. Rubião constrói uma narrativa na qual o indivíduo chega à uma grande cidade, com expectativa de resolução premente de uma demanda cujo teor desconhecemos. No entanto, as condições presentes configuram uma letargia de funcionamento das instituições. A leitura do conto permite a identificação parcial da localização espacial e temporal da narrativa, pois “os sinais do tempo se revelam no espaço e o espaço é apreendido e medido pelo tempo” (BAKHTIN, 2018, p. 12), complementada por informações relativas à biografia do autor, data e local de publicação. Um certo conhecimento histórico acerca do avanço da industrialização no Brasil durante as décadas de 1940 a 1970 conduzem à compreensão do momento retratado.

O texto fornece poucas informações que levem à definição do tempo e espaço onde a narrativa se desenrola. A esse respeito, Bakhtin (2018, p. 12) esclarece: “No cronotopo ficcional ocorre a fusão dos indícios do espaço e do tempo num todo apreendido e concreto. Aqui o tempo se adensa e ganha corporeidade, torna-se artisticamente visível; o espaço se intensifica, incorpora-se ao movimento do tempo, do enredo e da história”. Sabemos, por meio da leitura, que o protagonista (Pererico) “vinha do interior do país”; que a fábrica fica no subúrbio, portanto, distante do mar; que há jardins públicos; que há uma estação de trem por onde Pererico chega e, no final, deixa a cidade.

Adicionalmente, a presença do motivo do trem cria uma estrutura circular do enredo: o conto se inicia e termina com ele. Enquanto o trem traz ideia do movimento e do progresso, a parte central do conto que descreve a fila inerte é marcada justamente pela falta de movimento e do progresso. A narrativa possui, ainda, uma marca de universalidade, possibilitando sua inserção em outros locais com semelhante característica.

Como método para reconhecer o cronotopo no qual se passa a narrativa, recorreremos à biografia do autor. Sua trajetória mostra o deslocamento de uma pequena para uma grande cidade, além disso, Rubião atuou como adido brasileiro na Espanha, fato que requer uma adaptação maior ainda. Logo no início da carreira, Rubião é aprovado em concurso público e incorpora a crítica à crescente burocratização do país em sua obra.

A crítica se funda no despreparo das instituições em realizar os atendimentos. Aborda ainda, um tipo de troca de favores, desconhecido pelo forasteiro. O protagonista percebe que um desentendimento lhe trará mais problemas: “Pererico conteve-se. Uma briga naquele instante poderia prejudicar seus desígnios” (RUBIÃO, 2016, p. 83). Os relacionamentos comerciais se apoiam cada vez mais em procedimentos de organização e no aumento de hierarquias, com o objetivo de regular o atendimento.

Nossa hipótese é que os acontecimentos fantásticos descritos no conto são de natureza atemporal. Não por acaso, o autor evita deixar pistas sobre a época e o lugar do ocorrido. Podemos supor que se trata de um cronotopo específico que podemos chamar de cronotopo da fila em que o tempo e o espaço são fechados, imóveis. O motivo do trem serve como moldura para o cronotopo da fila que toma a parte central da narrativa. O conto se inicia e termina com o movimento (chegada e partida do trem), mas a sua parte central é extremamente parada, inerte, imóvel (o cronotopo da fila).

Vejamos agora como se comporta o cronotopo do conto “O lodo”, também publicado em 1974, como parte do livro *O convidado*. O conto tem início com a informação que o protagonista, Galateu, “Lamentava ter aceitado o conselho de procurar a clínica do doutor Pink” (RUBIÃO, 2016, p. 71), devido a “uma depressão ocasional”. A partir desse momento, há uma primeira consulta, considerada “fora de propósito ser obrigado a deitar-se num divã e ouvir uma série de perguntas imbecis sobre a sua adolescência” (p. 71). O médico “assegurou que o paciente carregava dentro de si um imenso lodaçal” (p. 71). Passado algum tempo, o sono de Galateu se modifica e ele passa a confundir sonho com realidade ao ver o médico e a irmã, Epsila, olhando, enquanto uma faca penetra em seu peito. Ao acordar, encontra uma ferida.

Com o objetivo de traçar uma aproximação espaço-temporal, levaremos em consideração informações como a moeda em uso: “Como o horário ficou reservado para o senhor, vindo ou deixando de vir terá que pagar cinco mil cruzeiros” (p. 72). O site do Banco Central informa as datas de emissão das cédulas monetárias: o cruzeiro foi utilizado no Brasil entre os anos de 1942 e 1967 e entre 1970 e 1986 (BC, 2023), sendo provável período os anos 1970.

Quanto à localização física, percebemos a narrativa situada na cidade devido ao fato de o protagonista trabalhar em um escritório, percorrer bares, e seu relacionamento com a mulher do diretor em busca de uma promoção. São indicativos que sugerem a personagem como uma pessoa que trabalha em horário comercial, pois “ao fim do turno da tarde pouco fizera de aproveitável” (p. 73) e “Galateu se dividia entre a rotina do escritório e os encontros com a mulher do diretor” (p.74-75). Outra observação importante é o fato de Galateu residir num apartamento, quando o narrador diz: “percebeu o quadro sombrio que tinha à sua frente: novas cobranças de honorários, a penhora do apartamento, o desabrochar e o cerrar de feridas” (p. 76)

Finalizando a análise do conto em busca da identificação do cronotopo no qual se insere, podemos afirmar que as informações concedidas pelo narrador situam o conto “O lodo” numa cidade, provavelmente nos anos 1970. É fato que Rubião tem como característica a escrita com fins universais (RUBIÃO, 2023), por isso, a narrativa poderia se passar em qualquer cidade com as mesmas características das aqui encontradas.

A semiótica da cultura de Iúri Lotman aplicada aos contos de Murilo Rubião

Com base nos conceitos de biosfera e noosfera, o semioticista Iúri Lotman elabora o conceito de *semiosfera*: “Lotman sugere denominar de semiosfera o espaço semiótico” (AMÉRICO, 2017, p. 7). A construção do conceito se fundamenta na compreensão de que existem esferas de sentidos. Irene Machado (2015a), em seu artigo “Experiências do espaço semiótico”, aborda o conceito de espaço semiótico, apresentando-o da seguinte forma:

A noção de espaço semiótico sustenta as concepções fundadoras do pensamento semiótico da cultura segundo as formulações de Iúri Mikhailovich Lótman (1922-1994) e da escola semiótica que ele ajudou a construir na Universidade de Tártu, na Estônia, a partir dos anos de 1960. Entendido como experiência natural da cultura, o espaço semiótico se tornou problema central da investigação que redefiniu a cultura com base no seu funcionamento elementar: o trabalho ininterrupto na transformação e renovação de seus sistemas de signos. (MACHADO, 2015a, p. 14)

Em um determinado grupo cultural ocorre o compartilhamento de informações e conhecimentos próprios para aquele grupo. Lotman observa que “O mundo externo, no qual o

homem está imerso, para se tornar um fato da cultura, é submetido à semiotização: é dividido em objetos que significam [...] e em objetos que não representam nada além de si mesmos” (LOTMAN, 2016, p. 246). Participantes de uma semiosfera desenvolvem, contribuem, modificam sentidos já existentes naquele meio, de forma progressiva. Por exemplo, é possível falar de uma semiosfera urbana: “Iúri Lótman destaca a capacidade das cidades de criar e acumular códigos e sinais a serem decifrados [...] a cidade pode ser vista como um texto para ser lido e interpretado” (VÓLKOVA AMÉRICO; AMÉRICO, 2016, p. 131).

Desse modo, existem elementos internos àquela cultura, que são dificilmente acessíveis àqueles que não fazem parte dela. Por exemplo, Lotman observa que a semiosfera urbana possui memória própria, que circula na coletividade, pois “O texto da cidade é refletido na cultura popular e de massas” (VÓLKOVA AMÉRICO; AMÉRICO, 2016, p. 131). Observamos nessa aproximação entre duas culturas um outro conceito também criado por Lotman, e relacionado diretamente com o conceito de semiosfera uma vez que marca os seus limites, a fronteira. Aquilo que é “nosso” versus o que é “alheio”, ou seja, o conhecido se choca com o desconhecido. Aquilo que pertence a uma semiosfera, não pertence à outra, demarcando a separação entre elas. Nessa interação a fronteira se torna o ponto de contato:

Toda cultura começa com a divisão do mundo em espaço interno (‘seu próprio’) e externo (‘deles’). O tipo de cultura define como essa divisão binária será interpretada. No entanto, a divisão em si é universal. A fronteira pode separar os vivos dos mortos, os povos sedentários dos nômades, cidade das estepes; possuir um caráter estatal, social, nacional, religioso ou algum outro. É incrível como as civilizações não relacionadas entre si encontram expressões idênticas para caracterizar o mundo localizado do outro lado da fronteira. (LOTMAN, 2016, p. 243)

É nesse espaço de fronteira que ocorrem as influências mútuas, os diálogos, as imersões.

Com relação ao conto “A fila”, de Rubião, podemos dizer que há duas semiosferas bem definidas: a semiosfera do campo e a semiosfera da cidade. A própria aparência do protagonista é marcada pela semiosfera do campo: “rosto quadrado”, “determinação”, perseverança inabalável. Pererico age com violência, quer resolver a questão na força bruta, manifesta seus preconceitos. Já o burocrata Damião utiliza a retórica, procurando conversar, mas não renuncia à sua superioridade.

A presença de Pererico como personagem única representativa da semiosfera do campo, o põe no lugar do externo, estranho, subalterno, diante da semiosfera da cultura dominante, aqui representada pela cultura urbana. Portanto, Pererico é um forasteiro e experimenta grandes dificuldades de adaptação. A sua incapacidade de compreender o funcionamento da fila o leva a odiar a cidade, mostrando que a fila serve como catalisador do conflito campo-cidade.

Em contrapartida, a cidade já passou por transformações de espaço rústico em urbano, com indústrias se estabelecendo, novas repartições, novos moradores, novas relações. Como “no centro a metaestrutura atua como ‘sua própria’ linguagem, na periferia ela é uma linguagem ‘alheia’, incapaz de expressar adequadamente a prática semiótica que se encontra por trás dela” (LOTMAN, 2016, p. 246), a estação de trem exerce o papel fronteiro entre as semiosferas, permitindo o diálogo por meio de uma “gramática de uma língua estrangeira”, um espaço transitório pelo qual todos passam, realizam breves diálogos e seguem. Lotman enfatiza a ambiguidade das zonas fronteiras:

O conceito de fronteira é ambíguo. Por um lado, ela separa; por outro, une. Ela sempre é uma fronteira com algo mais e, por conseguinte, pertence a ambas as culturas fronteiras, a ambas as semiosferas adjacentes. A fronteira é bilingue e polilingue. A fronteira é um mecanismo de tradução dos textos da semiótica alheia para a ‘nossa’ linguagem, o lugar de transformação do ‘exterior’ em ‘interior’, é uma membrana filtrante que transforma os textos alheios a tal ponto que eles integram a semiótica interna da semiosfera permanecendo, no entanto, estranhos. (LOTMAN, 2016, p. 250-251)

Atuação semelhante é desempenhada pela prostituta Galimene, moradora da cidade, que procura entender Pererico. Para a semiótica da cultura, trata-se de uma tradução: “O processo da recepção de uma nova informação, vinda do espaço extrasemiótico, é denominado por Lotman de tradução [...] Nesse processo, a informação é recodificada para os códigos aceitos na semiosfera em questão” (VÓLKOV AMÉRICO, 2017, p. 9). Irene Machado define a fronteira da seguinte forma:

Do ponto de vista semiótico, o espaço de fronteira assim constituído reproduz a própria dinâmica da semiosfera, tal como formulado por Lótman (1990): um espaço semiótico em que as relações culturais se orientam pela heterogeneidade dinâmica de seus sistemas semióticos. Nesse espaço, fronteira é palavra-chave de um mecanismo semiótico fundamental: a tradução daquilo que é exterior ao sistema pelo que determina o seu interior. (MACHADO, 2015b, p. 76)

Ao mesmo tempo, Galimene tenta incutir no protagonista o desejo de conhecer e se aproximar mais da cidade: “- Ponha de lado o orgulho e explore a vaidade de Damião, que não resiste a um agrado” (RUBIÃO, 2016, p. 88). Contudo, Pererico não se modifica, não se adapta apesar da pressão que lhe é imposta, pois para ele tudo o que vivencia é estranho, então não valoriza. Conforme Lotman (1979, p. 37), “O valor das coisas é semiótico, uma vez que ele é determinado não pelo próprio valor destas, mas pela significação daquilo que ele representa.

Segundo conto alvo de nossa análise, o conto “O lodo” leva à identificação de duas fronteiras distintas: uma entre as semiosferas opostas presente e passado e outra entre as semiosferas do paganismo e do cristianismo.

Devido a uma “depressão ocasional”, o protagonista Galateu obtém indicação do médico doutor Pink da Silva Glória. Nesta primeira consulta o médico diz ao paciente que ele “carregava dentro de si imenso lodaçal”. Aos poucos, o leitor percebe que há um passado que Galateu se esforça para esquecer e esconder. O presente é percebido como a fuga obstinada do paciente. Já o passado se apresenta cada vez mais claramente no conto. A ligação entre o presente e o passado se inicia com a insistência do médico em realizar novas consultas. O protagonista passa a ter pesadelos e acordar ensopado de suor. Neste momento, é possível perceber que o onírico e o real se misturam, configurando a fronteira entre as semiosferas presentes: o passado e o presente.

A interferência do médico sobre a história de vida da personagem fez com que o passado ressurgisse e instaurasse um processo de sufocamento. Passado esse que foi deliberadamente escondido. No decorrer da narrativa, a irmã de Galateu chega a seu apartamento com seu filho Zeus, que o chama de pai. Assim, a alusão a um possível incesto é clara. Porém, neste momento ele se encontra fraco, já que sua saúde foi se deteriorando rapidamente enquanto tentava se desvencilhar das investidas do doutor Pink.

A semiosfera do presente vai, lentamente, desaparecendo, dando lugar à semiosfera do passado, constituindo uma espécie de “travessia”. O momento do sonho remete à fronteira, pois a narração mostra movimentos da faca no peito, vistos como sonho, mas o resultado é real, a formação da ferida no mamilo e sua posterior permanência.

Impedido pelo paciente por diversas vezes, o médico até inicia o papel de tradução entre as duas semiosferas presentes, é rechaçado, mas permanece até o final da história, quando Galateu não resiste e morre. Epsila, a irmã, após instalada com o filho no apartamento, garante que a fronteira permaneça presente na vida do protagonista, inclusive contribuindo para que ele rememore o passado e sofra com isso, ampliando aquela fronteira. O passado se torna cada vez mais presente na vida de Galateu. O menino Zeus, retratado como “retardado mental” (p. 77), é quem fornece a informação mais importante ao leitor quando chama Galateu de pai.

A outra fronteira visualizada no conto permite seu reconhecimento por meio do nome do protagonista. Há uma fronteira entre paganismo e cristianismo alcançada pela análise de seu nome. Conforme Boranelli (2008), o nome Galateu tem origem no Novo Testamento:

Vale lembrar, que Murilo Rubião era um constante leitor bíblico, o que nos leva a deduzir que o nome Galateu provém de Gálatas, habitantes da Galácia, região da Ásia Menor, mencionados no “Novo Testamento”. Os Gálatas era um antigo povo pagão, paganismo que pode vir a comprovar o ato do incesto por não seguirem os dogmas cristãos, assim rompendo com os princípios morais e religiosos e

estabelecendo uma união sexual ilícita entre parentes consanguíneos. (BORANELLI, 2008, p. 60)

A semiosfera do paganismo admite alguns comportamentos reprovados pelo cristianismo. Historicamente, os pagãos foram forçados a se converterem ao cristianismo. Epsila é retratada como monstruosidade no conto. Sua aparência grotesca é descrita da seguinte forma:

Normalmente teria motivos para assustar-se, mas o choque foi maior do que podia esperar: a nova imagem de Epsila era uma contrafação da jovem que aparecera no sonho. Perdera, em doze anos, o viço, a suavidade de traços. Magra, muito magra, os olhos sem brilho e a falta de dentes no maxilar superior davam-lhe um aspecto contrastador. (RUBIÃO, 2016, p. 77)

Boranelli (2008, p. 61) acrescenta uma excelente análise do momento: “Neste caso, vale retomar o sentido do nome Galateu relacionando-o com gálata, que além de povo pagão, era também escravo e oprimido, conseguindo sua liberdade somente quando aceitou a Cristo.”

Pouco a pouco, semiosfera do presente de Galateu vai se modificando, absorvendo elementos da semiosfera do passado com a presença de Epsila. Sinais do presente, como os encontros amorosos e a frequência ao trabalho desaparecem conforme seu estado de saúde se degrada. A possibilidade de cura se esvai conforme Galateu rechaça o médico. O analista poderia, caso Galateu tivesse concordado com o tratamento, fazer um elo entre seu passado sombrio e os fatos recentes, fato que se caracterizaria como um movimento de tradução. Mas o protagonista não permitiu e foi mantido na zona fronteira.

Considerações finais

Procuramos identificar cronotopos e semiosferas presentes nas narrativas estudadas, a partir da análise dos contos e do contexto em que foram escritos. O conceito de cronotopo, concebido por Mikhail Bakhtin mostrou-se de importante para a nossa análise uma vez que permite sintetizar as manifestações do tempo e do espaço nos contos de Rubião.

Com relação ao conto “A fila”, a percepção de movimento e identificação cultural do campo e da cidade, torna-se mais um exemplo da associação dessas esferas, como afirma Hermenegildo Bastos: “A entrada do Brasil no capitalismo moderno, com a urbanização crescente, expulsão do campo, está presente na ficção muriliana” (BASTOS, 2006, p. 10). No entanto, a narrativa configura-se como universal, já que o movimento campo-cidade ocorreu (e ainda ocorre) em diversas localidades dentro e fora do Brasil, em diferentes épocas e em diversas obras literárias.

A análise do conto “O lodo” mostrou que estão presentes elementos característicos do período dos anos 1970, corroborado por informações presentes na narrativa. Neste período da história do Brasil, nas grandes cidades, se observa a presença do trabalho em ambiente de escritório. É revelada a moeda em uso na época, que contribui com a localização temporal. Como Rubião tinha como objetivo a escrita de narrativas universais, como já mencionado, o cronotopo não é específico, pois poderia ocorrer em outro local. Assim, a localização física mostra-se mais livre do que a localização temporal.

Partimos, então, para o objetivo principal: identificação de semiosferas, fronteiras e elementos de tradução que poderiam ser depreendidas pelas leituras.

No conto “A fila”, o percurso realizado oportunizou a observação de traços indicativos de duas semiosferas presentes, além da consequente zona fronteira entre elas. As personagens se comportam tipicamente, conforme o meio cultural no qual se inserem. Assim, percebe-se o embate persistente, que deixa transparecer as características de cada uma das culturas observadas: meio urbano e meio rural.

Com base nos conceitos lotmanianos de semiosfera e de fronteira, foi possível observar como entram em colisão o “próprio” e o “alheio”. As personagens habitantes da cidade são retratadas numa perfeita adaptação àquele modo de vida, incluindo suas peculiaridades, enquanto a única personagem representante do campo posta-se com atitude firme, não permitindo adaptações do seu modo de agir. O cronotopo de fila atua como catalisador do conflito entre ambas as semiosferas. Identificamos a estação de trem como um local fronteiro localizado no limite entre as duas semiosferas, onde circulam tanto representantes de uma como de outra cultura. Além dela, a personagem Galimene, que se aproxima de Pererico desempenha uma espécie de tradução entre uma e outra cultura.

O conto “O lodo” permitiu constatar a existência de duas fronteiras, ou seja, duas semiosferas e uma fronteira entre elas e mais duas semiosferas e sua fronteira, além da existência de elemento de tradução. O protagonista Galateu se vê pressionado entre a insistência do psiquiatra doutor Pink em tratá-lo e a chegada da irmã Epsila. As semiosferas observadas são a do presente e a do passado da vida de Galateu. O passado retorna com grande força, deixando o protagonista cada vez mais acuado. Conforme ele se desespera, a fronteira entre estas semiosferas aumenta, mantendo-o enclausurado no espaço entre o sonho e a realidade. O onírico e o real se defrontam, manipulados pelo passado que retorna. Quanto à possibilidade de tradução, a personagem adquire uma atitude negativa, evitando a presença

do médico, que poderia atuar na compreensão de sua patologia. Observamos ainda, a presença das semiosferas de paganismo e cristianismo, por meio da nomeação das personagens. O nome Galateu remete ao povo gálata, pagão que se recusava a aceitar o cristianismo, de princípios morais diferentes. Galateu havia se portado como pagão e condenado por si mesmo.

Por fim, um registro importante sobre as análises é a aplicabilidade das formulações de Lotman sobre semiótica da cultura, já que aproximações entre diferentes semiosferas, com o surgimento de fronteiras, conduz à possibilidade de situações insólitas.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo*. São Paulo: Editora 34, 2018. 272 p.
- BASTOS, Hermenegildo. Murilo Rubião: um contabilista e suas memórias. **Suplemento literário de Minas Gerais: Especial Murilo Rubião**. Dezembro. 2006.
- BORANELLI, Valdemir. *O fantástico nos contos de Murilo Rubião e de Julio Cortázar: entre o mito literário e a polimetáfora*. 2008. 99 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- LOTMAN, Iúri. “O conceito de fronteira”. In: *O Espaço Literário: Textos teóricos*. Uberaba, 2016. p. 243-258.
- LOTMAN, Iúri. “Sobre o problema da tipologia da cultura”. In: *Semiótica Russa*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.
- MACHADO, Irene. “Experiências do espaço semiótico”. *Estudos de religião*, v. 29, n. 1, 2015a, pp. 13-34. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6342638>. Acesso em: 20/08/2022.
- MACHADO, Irene. “Espaço geopolítico em tradução semiótica”. *Ciências da Linguagem: Língua, Linguística*, 2015b, pp. 73-81. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Przemyslaw-Debowiak/publication/284900063_Os_diminutivos_no_portugues_europeu_e_no_portugues_do_Brasil_Um_estudo_quantitativo/links/565a035608aeafc2aac4febc/Os-diminutivos-no-portugues-europeu-e-no-portugues-do-Brasil-Um-estudo-quantitativo.pdf#page=74. Acesso em: 20/08/2022.
- RUBIÃO, Murilo. *Murilo Rubião: obra completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- RUBIÃO, Murilo. Murilo Rubião. 2023. Disponível em: <https://www.murilorubiao.com.br> . Acesso em: 14 jun. 2023.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- VÓLKOVÁ AMÉRICO, E. “O conceito de fronteira na semiótica de Iúri Lotman”. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 12, 2017, pp. 5-20. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/bjLH7zFRPJQwxJgJhjJCzPB/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 20/08/2022.

VÓLKOVA AMÉRICO, Ekaterina; AMÉRICO, Edelcio. “Brasília: a São Petersburgo brasileira?”. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 14, n. 01, São Paulo, jul. 2016 pp. 129-150. Disponível em: <https://www.periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/8435>.

Acesso em: 20/08/2022.

BC. Banco Central do Brasil. Cédulas produzidas. 2023. Disponível em:

<https://www.bcb.gov.br/cedulasemoedas/cedulasemitidas>. Acesso em: 14 jun. 2023.